



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

As manifestações pela paz

Quando explodiu a guerra, assisti a vários comentaristas dizerem que as sanções não atingiriam a Rússia, pois Putin era um gênio da estratégia, tinha ameaçado uma reserva da ordem de 600 bilhões de dólares e não sentiria o impacto das medidas. Bem, mesmo sem ser um estudioso em relações internacionais, os argumentos não me convenceram.

Putin é racional, mas, como qualquer déspota, ele pode ter se empolgado e extrapolado. Qualquer que seja o resultado

militar, Putin já é o grande perdedor da guerra. No melhor cenário para ele, se ganhar, ocupar a Ucrânia ou obrigá-la a renunciar à entrada para a Otan, a iniciativa insensata da invasão foi desastrosa e ele pagará um alto preço político e econômico.

Ao pedir negociação, negar o ataque e, no outro dia, invadir a Ucrânia, Putin perdeu a credibilidade. Como é que algum país vai negociar qualquer coisa com a Rússia, enquanto Putin for o Tzar, a partir de agora, com qual segurança?

Putin tem como obsessão restituir a grandeza histórica da Rússia dos tempos do império ou da União Soviética, no entanto, a ação açodada de invasão

da Ucrânia, na verdade, transformará a Rússia em uma Venezuela, uma pária internacional. Diferentemente do que se dizia, as sanções contra a Rússia surtiram efeito imediato.

A retirada estratégica do sistema de comunicação Swift e o congelamento de parte das reservas depositadas em bancos da Europa e dos Estados Unidos provocaram um abalo na economia russa logo no primeiro dia. O rublo está derretendo, os russos se aglomeram nas filas para sacar dinheiro nos bancos, os oligarcas entraram em pânico. Ninguém pode prever o que acontecerá quando desencadeia uma guerra, mesmo que seja um estrategista maquiavélico.

Para mim, o fato mais alentador, em meio à tragédia humanitária, foi o ensaio de um rechaço mundial em favor da paz. É significativo que a maior manifestação tenha ocorrido na Alemanha, onde o trauma da Segunda Guerra Mundial está muito vivo na memória. Em Berlim, foram mais de 100 mil pessoas, mas as manifestações se espalharam por Tchecoslováquia, França, Israel, Coreia do Sul, Dinamarca, Tailândia e por 32 cidades da Rússia.

Na Rússia, apesar de todo cerceamento, elas foram registradas e o mundo inteiro viu a polícia de Putin reprimir, com truculência, jovens e idosos que protestavam pacificamente contra

a barbárie da guerra e eram arrastados, da maneira mais covarde, por uma horada de agentes. A imprensa russa está proibida de usar as palavras “invasão” e “guerra”; o correto é “operação especial”. Como acreditar nos relatos do governo russo sobre o ataque à Ucrânia?

A guerra é uma declaração de falência da civilização e deve ser evitada de todas as maneiras. Que os governantes e os diplomatas entrem em campo e resolvam as questões geopolíticas de segurança conversando e negociando. A maioria dos povos de todas as nações do mundo não quer guerra. Espero que essa onda de manifestações antibélicas se espalhe por todo o mundo.

EMPREENDEDORISMO / Com mais de 35 espaços de coworking em Brasília, estudantes e profissionais liberais usam modelo que oferece estrutura completa e valores mais flexíveis. Fugir do home office e ampliar networking também são atrativos

Alternativa para novos tempos

» JÚLIA ELEUTÉRIO
» BERNARDO GUERRA*
» YASMIM VALOIS*
» MARILENE SOUZA*

Os gastos com manutenção e o tempo para gerenciamento, por vezes, podem ser um entrave para quem precisa de um escritório. Para muitos brasilienses, a saída são os coworkings, espaços que oferecem todo aparato necessário, mas em aluguéis conforme a demanda de horas utilizadas. Um bom negócio para quem não pode arcar sozinho com os custos para um ambiente de trabalho ou para quem já não pode contar com as bibliotecas da cidade para estudar, em virtude da pandemia de covid-19.

Bem localizados, os coworkings

oferecem estações de trabalho, salas para reuniões, escritórios privados, internet e, até mesmo, copa. Praticidade a qualquer hora e sem um compromisso fixo para os usuários. No Distrito Federal, são ao menos 35 locais que oferecem esse tipo de serviço.

A advogada Mariana de Oliveira, 25 anos, moradora do Sudoeste, costuma frequentar regularmente um coworking, o Concept Offices. Ela afirma que é um grande auxílio para quem não consegue arcar com um escritório próprio. “Aqui eu tenho uma boa sala, ambiente agradável para conversar, debater, e encontrar com clientes. Além disso, conto com uma copa e até mesmo recebo correspondências”, enumerou. Apesar de, atualmente, usar o espaço para trabalhar,

ela conheceu a modalidade quando ainda era estagiária. “Eu não tinha local para estagiar, então eu fazia minhas atividades aqui. Para mim é muito mais fácil, venho há três anos, desde quando abri. Além do mais, você agrega, conhece pessoas, descobre outros interesses e busca novidades”, conta.

Mariana descobriu a existência do serviço através de uma amiga arquiteta que, por coincidência, realizou seu trabalho de conclusão de curso centrado sobre os coworkings. “Era um conceito muito novo aqui em Brasília e vi que era um bom local para iniciar uma carreira.” Com a pandemia, ela comenta que algumas empresas deixaram de frequentar o local, mas ela sentiu confiança para continuar. “Quem estava

vindo eram as pessoas que tratavam as salas, mas sempre tinha alguém nas estações — compartilhadas de trabalho — e toda hora faziam a limpeza de tudo, todo mundo de máscara o tempo inteiro também. Para mim isso foi fundamental”, explicou.

Após três anos no coworking, Mariana não cogita alugar um espaço próprio. Ela argumenta que já se sente em casa, tem amizades e acredita que é o melhor custo-benefício para sua realidade.

Sem preocupações

Na pandemia, quem teve dificuldades com isolamento do home office encontrou nos espaços uma alternativa que garantia a ausência das distrações de locais públicos. É o caso do advogado Eryson Medeiros, 40, residente do Sudoeste. Para ele, não ter preocupações com a administração de uma sala é um atrativo. “Você tem uma estrutura física satisfatória para atender seus clientes e trabalhar. Melhor ainda, sem vínculos, então, por exemplo, eu não preciso contratar uma secretária, eu não preciso me preocupar se o banheiro está limpo, se tem um cafezinho, eu não preciso me preocupar se vai faltar água ou energia”, comenta.

Eryson conta que já tentou alugar escritórios separadamente antes, mas as preocupações com o serviço e os gastos fizeram o advogado perceber que não valeria a pena para si. “Eu tenho o meu espaço aqui fixo, né? Onde eu trabalho, produzo. Se eu quiser ter acesso a uma sala maior, por exemplo, é só pagar por ela. Mas tudo isso vai vir descontado no final do mês. Então se eu precisar dela dez vezes, eles vão descontando. O valor ainda sai menor do que alugar um escritório próprio, porque eu não tenho gastos extras”, conta.

Além de pequenos empreendedores e autônomos, empresas de menor porte também são atraídas pela redução de custos. Márcia Kuhn, 50, moradora do Guará II, é correspondente bancária e tem cinco funcionários. Ela estava em uma sala no Sudoeste e com o aumento da equipe, em dezembro de 2020, optou por um coworking. A empresária frequenta a Copa Network, na 305 Norte, desde 2020. “Quando nossa equipe aumentou, meu sócio indicou para que ficasse mais confortável. Desde então, nunca mais larguei. Tenho um ambiente agradável para trabalhar, além de ser ótimo para fechar negócios e realizar reuniões, ampliar networks. Trabalho lá todos os dias e é bem mais em conta do que alugar ou comprar um ambiente próprio”, avalia.

Inovação

O proprietário e gestor do Concept Offices, Márcio Bernardino, 38, diz que a ideia de criar o coworking surgiu da necessidade de oferecer um ambiente de alta qualidade, seja para trabalho ou estudo. Ele ressalta que o funcionamento 24 horas, a existência de um clube de descontos, além de cursos e eventos internos são alguns dos diferenciais oferecidos.

Miguel SCHINCARIOL / AFP



Ambientes colaborativos de trabalho são escolhas atraentes

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Advogada Mariana de Oliveira está satisfeita com acomodações

“Destaco a localização de nossas unidades. Aqui em Brasília, por exemplo, estamos no Brasil 21, o que favorece o networking e aumenta a possibilidade de fechar bons negócios”, acredita. Apesar dos benefícios, Márcio conta que a chegada da pandemia causou uma queda de movimentação, mas o espaço seguiu funcionando. No atual momento, ele vê um aumento na demanda. Diariamente, mais de 200 pessoas passam pela unidade.

Dentre os serviços oferecidos estão: secretariado, domicílio fiscal, estações de trabalho compartilhadas, salas privativas, salas de atendimento reservadas por hora ou período e sala de reuniões. Márcio destaca também o investimento realizado na estrutura física do local, com sistema de troca de ventilação, telefonia e internet, além de copa e biblioteca.

Em outro local do Plano Piloto, no Setor de Indústrias Gráficas de Brasília, o IPÊ Coworking está em funcionamento desde 2017. Quem faz a gestão do local são dois sócios, a arquiteta Gabriela Caçador, 29, e o engenheiro civil Filipe Curvo, 32. A ideia de criação do espaço surgiu com a necessidade de Gabriela, juntamente com sua ex-sócia, terem um escritório para receber seus respectivos clientes. A ideia de criar um ambiente de coworking visava ajudar nos custos

*Estagiários sob a supervisão de Juliana Oliveira

NÃO PULE a Infância

**Proteja a infância.
Denuncie o trabalho infantil. Disque 100.**

#Chega de Trabalho Infantil

MPT
Ministério Público do Trabalho